

MISÉRIA DE CONDIÇÃO E MISÉRIA DE POSIÇÃO¹

GRAZIELA SERRONI PEROSA

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil

ADRIANA SANTIAGO ROSA DANTAS

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil

RESUMO: O artigo discute algumas das lições deixadas pelo livro *A Miséria do Mundo* (BOURDIEU, 1993) à luz dos achados de uma entrevista de pesquisa realizada com um padre católico, na qual ele discorre sobre a participação das mulheres nos movimentos sociais que liderou: por moradia, educação, saúde nas periferias de uma grande metrópole brasileira. A equipe de pesquisa aliou a realização de entrevistas semiestruturadas e a análise de séries estatísticas. O depoimento do padre é apresentado quase na íntegra neste artigo. Em seguida, trazemos os resultados parciais de uma Análise de Componentes Principais, realizada com base em estatísticas públicas (CENSO POPULACIONAL, IBGE, 2012). A entrevista e a análise estatística permitem trabalhar em dois planos distintos as noções de “miséria de condição” e “miséria de posição”, propostas em *A Miséria do Mundo*.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdades de Classe e Gênero; Periferias; Entrevistas; Miséria do Mundo; Pierre Bourdieu.

INTRODUÇÃO

A Miséria do Mundo foi publicada em 1993, quando Bourdieu possuía uma equipe de pesquisadores experientes, alguns deles parceiros de pesquisa desde os anos 1960. Entre eles, Abdelmalek Sayad, Jean-Pierre Faguer, Remi Lenoir, Rosine Cristin, Patrick Champagne, Michel Pialoux, Gabriela Balazs, Francine Muel-Dreyfus, Charles Soulié, Stéphane Beaud, François Bonvin, Loïc Wacquant, Louis Pinto. As entrevistas foram pensadas como uma forma de “intervenção sociológica”, no contexto político neoliberal dos anos de 1990.

A originalidade do livro é a sequência de depoimentos, como pequenas novelas que podem ser lidas separadamente, voltadas para um público mais amplo. Objetivando as condições de concessão das entrevistas, as prescrições normativas sobre a situação de comunicação ideal, ou “neutra”, são secundárias. Conhecer o entrevistado da vida cotidiana, do trabalho, da família etc., pode criar um ambiente propício de confiança benéfico ao trabalho científico. As vigilâncias epistemológicas adicionais foram bem explicitadas no capítulo final da *Miséria do Mundo*, intitulado “Compreender” (BOURDIEU, 1993).

Contra o ponto de vista escolástico e a ilusão positivista, as introduções que antecedem a apresentação das entrevistas em *A Miséria do Mundo*, e neste artigo, trazem informações sobre as condições de concessão dos depoimentos e sobre a posição do informante no interior de um determinado campo. Oferecem, assim, uma síntese das informações necessárias para uma análise objetiva da posição do entrevistado no interior de um espaço social ou de um campo e os elementos

indispensáveis para compreender suas reações no interior destes microcosmos: a origem familiar, a formação, as experiências profissionais e as tomadas de posição, os gestos e as reações ao longo da entrevista (CHAMPAGNE, 2020). Os títulos conceituais e analíticos das entrevistas, e as introduções que as antecedem, convidam a uma leitura sociológica dos discursos emitidos.

O anonimato dos entrevistados nesta obra coletiva desempenha uma dupla função: proteger a identidade dos agentes, como há muito já estava posto nas ciências sociais, e, principalmente, favorece uma análise próxima da noção weberiana de tipo ideal. Sacrifica-se a singularidade do entrevistado para apreender princípios mais gerais, capazes de contribuir para compreender uma geração de pessoas, confrontadas com condições sociais semelhantes e imersas na estrutura de oposições objetivas e simbólicas que constituem os mais distintos campos.

Em cada um dos artigos de *A Miséria do Mundo* presume-se a lucidez dos entrevistados, em lugar de pressupor uma falsa consciência, alienação ou vê-los como meros portadores do discurso, de uma ideologia ou do senso comum. Sem atribuir, de antemão, qualquer protagonismo aos indivíduos em si, como certa sociologia da ação e dos movimentos sociais, os autores passaram a palavra às pessoas que não costumamos ouvir, a não ser, “por meio do filtro deformante das mídias ou das pesquisas de opinião” (CHAMPAGNE, 2020, p. 574).

A ideia foi ouvir não apenas indivíduos das classes populares, em situação de maior ou menor miséria de condição, mas também profissionais em contato com a população. No livro, os diversos relatos são apresentados visando captar o espaço dos pontos de vista (BOURDIEU, 1993). O olhar dirige-se para os sofrimentos menos evidentes, o que os leva a propor uma distinção entre a “miséria de condição”, e a “miséria de posição”². Muito bem ilustrada com o caso do contraabaixista no interior da orquestra, do romance de Patrick Süskind, que permite pensar a experiência dolorosa de uma posição dominada no interior de um universo social dominante.

Para *compreender* é preciso relacionar a posição no macrocosmo social à posição no microcosmo, podendo ser esse um campo, um grupo social ou uma região da cidade. Mais especificamente, neste artigo, abordamos o caso das mulheres de muitas periferias intermediárias (MARQUES, 2014) que ocupam uma posição ambígua. Com maior nível de escolaridade do que os homens do seu grupo social, elas ocupam posições intermediárias na estrutura ocupacional, sem escapar, contudo, da *miséria de condição e de posição* das periferias das grandes cidades brasileiras (CABANES *et al.*, 2011)³.

A entrevista com o padre Gabriel teve lugar na paróquia que ele comandava, localizada na periferia de uma grande metrópole brasileira. Por mais de três décadas, ele liderou movimentos sociais que chamaram a atenção do poder público municipal para as muitas necessidades de infraestrutura pública, como saneamento básico, creches, moradias, acesso à saúde ausentes nos muitos “bairros dormitórios” das grandes metrópoles, após décadas de forte migração rural. Nesta entrevista, concedida em 2012, Padre Gabriel, mil vezes entrevistado⁴, reflete sobre o bairro, sobre sua relação com a Igreja Católica, com os fiéis e, sobretudo, com as mulheres dos grupos populares residentes ali, de longe, as mais engajadas nos movimentos sociais por moradia e

educação; “90% mulheres”, como ele nos disse. Em 2012, quando decidimos ouvi-lo, estávamos apenas iniciando uma investigação mais ampla sobre as desigualdades educacionais, interessadas inicialmente apenas na segmentação entre ensino público e privado na periferia da cidade⁵.

Nosso contato com ele teve início em reuniões no campus de uma das universidades públicas que ele logrou atrair para a região (IFFLY, 2010; DANTAS, 2019). Desde então, passamos a acompanhar algumas reuniões no salão paroquial, o mesmo que ele nos recebeu há dez anos para esta entrevista. Uma coincidência relativa a origem geográfica de nossas famílias auxiliou o estabelecimento de um vínculo de confiança com os pesquisadores e favoreceu a concessão desta entrevista atípica⁶.

Nascido em 1952, em uma pequena cidade do interior paulista, Padre Gabriel chegou à sua paróquia na capital paulista no início dos anos 1980, período em que novos líderes políticos, comprometidos com a democracia, assumiram o governo do Estado e a prefeitura do município⁷ em oposição ao regime militar. Trabalhou até a sua morte nesta paróquia; liderou grandes mutirões de construção de moradias e articulou o seu capital político e social para prover a região dos serviços públicos básicos, encabeçou os movimentos pela instalação de universidades públicas na região, e engajou-se na luta por tratamentos de saúde alternativos⁸.

Uma trajetória religiosa que nos remete à “A dissolução do religioso”, onde Bourdieu (1990) argumenta que a “cura das almas” deixa de ser prerrogativa dos líderes religiosos, com a concorrência de psicanalistas, psicólogos e médicos. Como explicar essa história de engajamento político e religioso sem relacioná-lo às razões sociais que forjaram sua atuação? Alguns elementos de sua história familiar, assim como sua experiência prévia no interior da Igreja Católica contribuem para elucidar seu percurso.

Terceiro filho de uma família de quatro irmãos, sua mãe era filha de um fazendeiro de café e seu pai era um pequeno proprietário de terras. Uma família de imigrantes italianos que prosperou com a plantação do café, em uma cidade com pouco mais de 12 mil habitantes (CENSO/IBGE, 2012). Aos 15 anos, como muitos filhos de pequenos proprietários rurais, deixou sua vila natal para receber a formação religiosa em um seminário diocesano. cursou o antigo ginásio e recebeu a formação religiosa na diocese de uma cidade média do interior de São Paulo, onde havia forte presença de uma universidade pública.

Padre Gabriel entrou no campo religioso, formalmente, em 1978, ano de sua ordenação, em um período marcado pelos efeitos do pós Concílio do Vaticano II (1962), quando cresceu o interesse da Igreja Católica pela América Latina, bem como pela militância católica brasileira fundada pela Teologia da Libertação (FERREIRA, 2010). Migrou para São Paulo após sucessivas transferências de paróquia motivadas por sua atuação política em pequenas cidades do interior.

No final dos anos de 1970, ainda no interior, Padre Gabriel “abriu o salão paroquial”, primeiro para professores em greve e depois para os boias-frias: “para mim era a coisa mais natural do mundo”. Nas duas situações, foi denunciado por moradores locais ao Bispo, que ordenou sua transferência para paróquias ainda menores. “Aqui eu não fico”, teria dito Padre Gabriel, motivando-o a buscar pelo curso de teologia no seminário da capital. “Sem a autorização do bispo” chegou à capital para estudar teologia no seminário liderado por um cardeal expoente próximo à Teologia da Libertação, Dom Paulo Evaristo Arns. Neste campo religioso, objetivamente dominado

pela ortodoxia da cúria romana, buscou inverter sua posição dominada, com a força da militância e do ativismo político.

A transferência de Padre Gabriel para uma paróquia da periferia, marcada pela espoliação urbana (KOWARICK, 1979) foi a represália do Bispo pelas suas práticas consideradas “comunistas”. À época, quando Pe. Gabriel chegou a essa região da cidade, urbanizada desde 1940, ela já contava com diversos movimentos sociais organizados: por moradia (ANDRADE, 1989), por saúde (SADER, 1988) e educação (SPOSITO, 2010) e com a presença de um destacado Bispo, o “Bispo dos pobres”, no qual Padre Gabriel se inspirava.

A seguir, expomos uma síntese do depoimento de Padre Gabriel, no qual ele discorre sobre sua trajetória religiosa e expõe seu ponto de vista sobre a condição feminina nesta região da cidade.

A OPOSIÇÃO À CÚRIA ROMANA

Você poderia nos contar como você se tornou padre?

No próximo sábado, vou me encontrar com toda minha família. É o segundo encontro. 115 anos que meu bisavô veio da Itália. É uma família de tradição católica. Ele veio em 1897. Quando fizemos cem anos nós fizemos um encontro, e agora, 15 anos depois, vamos fazer outro. Então começa com uma missa. Ele veio da Calábria e era oposição à cúria romana. É uma tradição da família.

Você tem irmãos ou irmãs que também entraram na vida religiosa?

Não, eu tenho um irmão que é dentista, o mais velho. O mais novo também é dentista. Arranca o dente e o dinheiro do povo (risos). E eu tenho uma irmã que é professora de escola pública, essa é mais pobre. É de escola pública. Eu fui para o seminário com 15 anos, na cidade de Jaboticabal. A cidade gira em torno da universidade. Eu vou amanhã me encontrar com um grande amigo, um professor de lá. Eu morei 6 anos lá, no período da ditadura em 1968, havia um movimento cultural na cidade. Lá eu fiz 3 anos do antigo clássico e mais 3 anos de filosofia. Daí eu vim pra São Paulo fazer Teologia. E eu fui estudar com os padres salesianos, uma congregação muito conservadora, mas eu fiquei um ano lá, antes que eu fosse expulso, pedi pra sair. E eu fiquei um ano parado, fiquei em uma cidadezinha. Depois eu vim pra São Paulo, fiquei um ano com os padres salesianos, um colégio muito fechado. Teve um dia que nós fomos assistir um filme e o padre não tinha autorizado [a saída]. Nós pulamos o muro e fomos para Av. São João. Ali tinha um cinema, que agora é uma igreja. Quando eu entrei no ônibus, o padre estava na catraca. Eu pulei para trás e fui do Centro até a Lapa a pé. Eu fiquei um ano fora, nessa cidadezinha do interior, eu tinha 23 anos. Em 1976, eu voltei para São Paulo.

Nesse período que você estudava, durante a ditadura, o senhor já trabalhava como padre?

Não, eu era seminarista. Na época, tinha muita perseguição, a polícia estava sempre por perto... era uma cidade com muitos estudantes.

E qual era seu contato com os estudantes?

Não, não tinha, era um seminário muito fechado. Aí eu voltei pra SP para continuar Teologia, em 1976. No fim da ditadura. Fui para o seminário que já era da Teologia da Libertação, com o cardeal Paulo Evaristo Arns. O cardeal Paulo Evaristo Arns tinha um papel muito importante na minha faculdade de Teologia aqui em São Paulo [...]. No ano que vem nós vamos escrever um livro sobre o Dom Angélico e o seu trabalho na periferia, ele foi um grande bispo dos pobres, da justiça, um grande animador. Então, foi um tempo muito interessante, esses últimos três anos na Teologia. Fiz alguns cursos de economia política e depois tinha o *Sedes Sapientiae* e fazíamos leituras políticas do momento histórico.

Eu me ordenei sacerdote em 1978 e o bispo me mandou para uma cidade próxima. Eu fui trabalhar numa paróquia. Estava lá há uns dez dias e houve uma greve dos professores e eles vieram me pedir para usar o salão da igreja. E eu achei a coisa mais normal abrir lá para os professores se reunirem. Depois da reunião, tinha um bairro vizinho da cidade, e eles foram falar com o bispo que tinha um padre comunista que tinha abrigado os professores em greve. Eu fiquei lá um mês e pouco. O bispo me chamou muito bravo, disse que eu não tinha que me meter nessas coisas. Depois disso, ele me mandou para uma cidadezinha menor ainda, bonita. Tinha muita cana e tinha uma grande indústria de álcool naquela região. Pouco tempo depois, saiu uma greve dos "boias frias". E eles foram lá pedir para se reunir no salão e eu abri o salão. E foram falar para o bispo que eu era comunista, que era isso e aquilo, e o bispo me mandou para uma outra cidadezinha que não tinha nem 10 mil habitantes. Daí eu falei "Ah, não vou ficar aqui não". Foi assim que vim para São Paulo, já tinha colegas aqui. E o bispo Dom Angélico, muito atuante, era jornalista, psicólogo, bispo e muito engajado socialmente aqui. Nós tínhamos em São Paulo um grupo de padres e vim para cá sem autorização do bispo. Nós terminamos um livro sobre esse bispo de 640 páginas, belíssimo livro, uma trajetória incrível, socialmente, religiosamente, politicamente, foram 15 anos de uma atuação social.

Nós estamos querendo entender como as famílias fazem para educar os filhos nesta região da cidade. Talvez, o Senhor conheça muitas histórias de separação e divórcio, os problemas que têm com as crianças, que estão crescendo e, muitas vezes, se envolvem em situações de risco.

A Igreja tem uma legislação diante dessas pessoas, extremamente autoritária e desumana, a estrutura eclesial. Tem uma política da Igreja que exclui essas mulheres. A sociedade é extremamente violenta contra a mulher. Nós temos, a cada duas horas, uma mulher assassinada no Brasil. Ontem, (a TV) mostrou um caso de um homem que matou uma mulher grávida... então, a cada não sei quantos minutos, uma mulher sofre um espancamento, uma violência.

E você nota isso aqui?

Muito forte! Tanto que tem uma delegacia da mulher, que o Paulo Freire veio na inauguração da primeira delegacia da mulher, junto com o Franco Montoro, e disse que a maior alegria dele seria o dia que ele viesse para fechar a delegacia. Na realidade, as mulheres são dependentes, a maioria delas, são dependentes financeiramente do homem. *Mesmo essas mulheres sozinhas e chefes de família?*

Tem muitos motivos que levam a mulher a viver sozinha. São muitos motivos, mas é que elas estão dentro de uma maioria cristã, seja católica ou evangélica. A Igreja, de uma maneira geral, tanto a católica quanto a evangélica, transmite a ideologia religiosa que contribui com essa violência. É uma contribuição subliminar, mas é muito forte, peca pela omissão, de não fazer nada, um silêncio diante da violência contra a mulher. Temos aqui uma casa que trabalha com mulheres e gestantes pobres. São adolescentes de 12, 13 anos que ficam grávidas. Essas são, em sua maioria, hoje, mantidas por homens do tráfico (de drogas). Isso também é um dado que é difícil quantificar, mas é forte. Essas adolescentes que engravidam são [de] homens do tráfico. Tem dois dados, um primeiro: quando eu cheguei aqui o número de mulheres com filhos era na faixa de 5, 6 filhos, e isso veio abaixando; agora, chega na faixa de 1 a 2 filhos, nos últimos 20 ou 30 anos. Essa redução veio nos últimos 15 anos, quando a política de saúde passou a entregar pílulas e preservativos. Essa é a primeira questão. Os médicos dizem que a distribuição tem sido tão grande que isso tem uma importância diante da questão da mulher. Que isso no futuro vai causar um desequilíbrio... têm a percepção de que a população está envelhecendo. Há 3, 4, 5 anos atrás tinham mais crianças que idosos. Hoje, uma grande parte dos bairros tem mais idosos que crianças.

Qual é o ponto de vista dos médicos a respeito disso? Eles ficam divididos ou pelo contrário?

A gente pode ir a um posto médico, eles entregam para todo mundo que chega lá, recebe o preservativo ou a menina pede a pílula, ele orienta. Mas isso, nos últimos 15 anos, é uma política muito forte. Isso não falta, falta remédio, mas isso não. Eu acho que é uma política importante, que precisava ser mais educativa. Isso também se torna uma coisa que só a mulher é obrigada a usar o preservativo. Uma segunda questão: nós temos o movimento de habitação, moradia, ontem nós tivemos aqui, mais ou menos 3 mil famílias! Essas novas famílias, né? Sem teto...

São novas famílias na idade também ou não?

Hoje, a maioria são jovens. Tem todas as matrizes, mas a maioria, 90% são mulheres que participam.

90% SÃO MULHERES

E o senhor atua com esse movimento...

Há 28 anos. E agora vamos começar a moradia com 2.300 famílias. Nós já fizemos para 30 mil famílias, a maioria em mutirões. E sempre foi uma questão das mulheres, 90% [dos participantes] são mulheres. E são mulheres que têm filhos, na sua maioria, e uma grande parte, não saberia dizer quantas, que tem esposo e não sei quantas, não têm. Tanto que o Governador que morreu, o Mario Covas [prefeito] fez uma lei que a casa é passada em nome da mulher. Que a presidenta Dilma fez agora novamente, confirmando que a moradia em primeiro lugar consta o nome da mulher, mesmo que tenha o casal. Porque geralmente é o homem que abandona a mulher. Em todo o Brasil é assim. Dia 13, vamos fazer um grande encontro aqui no salão da igreja, de umas 400, 500 pessoas e a maioria de mulheres, e vamos fazer cursos, porque são elas que constroem a casa, que assentam os blocos. Então, nós vamos fazer curso de assentamento de blocos, de electricista...Vai ter curso também de corte e costura, tudo. É interessante porque tem homem também. Mas 90% mulher, tem uma bolsa de meio salário mínimo por 3 meses, temos uma apostila, um livreto, muito bem-feito, seja de electricidade, azulejista, blocos, então a partir de dezembro. Organizamos [esse material] juntos com a Fundação Paula Souza, do Governo do Estado. E assim é o movimento de educação, as mulheres que participam, o movimento de saúde... Se quiserem visitar um mutirão esse final de semana, eu não estarei, mas posso arranjar para vocês.

Aqui na paróquia nós fazemos um trabalho e, em todas as áreas [é assim] ... Um dos mais antigos é o de alfabetização de jovens e adultos. E as mulheres sempre participaram. Desde a década de 80, com o método Paulo Freire; ele esteve aqui numa assembleia de educação quando estávamos discutindo fazer uma Universidade. Depois surgiu a USP. Mas naquela época era Universidade Popular do Trabalhador, tinha que ter a palavra popular do trabalhador. Mas aí nasceu a USP e agora vai ter a Federal, né? Nós temos uma carta aqui, a última tentativa com o Kassab, para comprar o terreno da Universidade. No dia 27 de dezembro vamos fazer um grande ato pressionando o Kassab. Vamos nos reunir mais ou menos umas 2, 3 mil pessoas nesse dia pressionando o Kassab por uma universidade federal. Já tem o terreno, ele tem o dinheiro, só falta ele comprar. O juiz já autorizou comprar.

Você acha que tem menos católicos que moram aqui no bairro do que antes?

Olha, a Igreja Católica vem perdendo, não sei se é essa expressão. Tem um crescimento muito grande das igrejas evangélicas pentecostais. Aqui nós temos o fenômeno, a cada ano, um crescimento dos grupos pentecostais. Esse bairro, quando eu cheguei aqui, era uma única paróquia. Hoje, são 9 paróquias e mais 17 comunidades, são 26. E na mesma área nós temos 305 igrejas evangélicas. A Igreja Católica em número de templos significa 10%. Dessas 300 igrejas, um terço, 100 igrejas, são de um grupo chamado Assembleia de Deus, que é um grupo forte aqui no Brasil.

Isso ocorreu mais ou menos em que época, o senhor acha?

Foi a partir da década de 70, foi na América Latina, na África, em todo o mundo. Muitas de raízes americanas e depois na década de 80, com a questão dos pastores

televisivos... Isso é muito forte. Esse fenômeno religioso tem aspectos positivos porque a igreja católica não responde à uma cidade [tão grande] ... Os grandes centros, se você pegar o Rio de Janeiro, lá tem mais ou menos 60% da população já evangélica. Você encontra com as pessoas e elas têm que resolver seu problema e elas acham que Deus vai resolver o problema. Isso é muito forte. E isso tem uma dimensão de que "eu vou resolver sozinha, eu e Deus, né?" E não tem uma organização, onde elas possam pensar nela e pensar nos outros.

O SILÊNCIO DA IGREJA

O senhor acha que a política familiar da Igreja Católica pode ter tido um papel nesse afastamento?

Claro, claro, 80, 90% das pessoas que vêm aqui são mulheres. E aqui nós fazemos casamento ou benção para todos. Acolhemos a todos.

O senhor mesmo faz o casamento ou benção?

Por exemplo, se a pessoa se casou e separou e quer se casar novamente, aí faz o processo de anulação que é caro e aí...

Para casar aqui também precisa anular o primeiro casamento?

O caminho da anulação, a igreja católica dificulta muito. Na questão de casamento, por exemplo, hoje as pessoas preferem casar-se com festa, uma grande parte. Normalmente, chama o padre. Aqui nessa Diocese, na igreja de São Paulo, tem uma lei que não pode fazer fora da igreja. Nessa igreja, nós fazemos. O bispo já me chamou e falei para ele que era uma questão de consciência e eu continuo fazendo. As pessoas chegam aqui e querem se casar, querem pelo menos uma benção, para receber o sacramento do matrimônio. Tem que fazer todos os papéis e se não puder seguir esse caminho, faz a benção que é informal.

Como é o texto da benção?

É muito parecido. Para Deus, é todo mundo igual, para nosso bispo é um pouco diferente.

E quando, os casais já têm crianças?

Aqui nós fazemos uma campanha de casamento. Motivação. E na hora do casamento os filhos levam as alianças na frente. Tem pessoas que já moram [junto] há 30 anos e agora estão recebendo ou o casamento ou a benção.

Como funciona o sacramento do batismo?

Para todos. Todos podem receber o sacramento do batismo. Aqui, é mais ou menos, um tipo de para-raios. Vem gente de toda essa região batizar aqui porque o padre fala, 'não tem que se casar, tem que isso, tem que aquilo' para batizar. E aqui nós fazemos o batismo em todo mundo. À medida que a pessoa vem e tem um desejo, quem sou eu para negar esse desejo? A comunidade pode acolher essa família numa cidade tão massacrante como a nossa, de competição. Ela chega aqui você vai fazer ela ir para frente um pouco, entendeu? Por exemplo, Jesus nasce na vizinhança solidária, nós trabalhamos muito isso. Quando tem um batizado, hoje tem muito menos mulheres solteiras, no passado era muito mais. Hoje é obrigado a fazer atestado de certidão de nascimento, tendo o [nome do] pai.

Antigamente também tinha muitas crianças que não tinham o pai?

É. Se você pegar o livro de batismo você vai notar que lá só tinha o nome da mãe. Hoje não, hoje tem um processo, uma lei, que exige o nome do pai. Agora quando vem um batismo aqui, uma família que convida outra e vem na comunidade, é acolhida. Numa cidade como essa em que as famílias, muitas nasceram em outros estados, chegam aqui em São Paulo, tem 500 mil pessoas que moram sozinhas. No dia do batizado é um dia que a família passa junta, cria laços, esses laços de solidariedade. Numa cidade como a nossa, de 10 milhões para 11 milhões de habitantes, é muito importante nessas pequenas comunidades terem esse acolhimento. Nós estamos programando fazer 500 casamentos no ano que vem, no civil, pela secretaria Estadual da Justiça. Nós já fizemos aqui uns 3 mil. No dia do casamento vem o casal que vai se casar no civil e recebe tudo de graça. É só pelo civil. Daí vem um pastor e cada um dá uma bênção, mas o importante é esse gesto, numa realidade em que as mulheres sofrem violência e você promover um casamento comunitário isso dá *laços de humanização*.

Faz quanto tempo que as certidões já têm o nome do pai? Uns 10, 15 anos?

Foi nos últimos cinco anos... a televisão vem fazendo uma campanha.

Você sabe de homens que aceitam assinar essa certidão sem ser o pai biológico? Por ser casado com uma mulher? No sentido da responsabilidade da paternidade, mas sem necessariamente ser o pai biológico.

Agora mesmo saiu daqui um senhor, que já tem uma certa idade, 70 anos. E ele está namorando uma senhora que tem uns 50 para 60 anos com dois filhos, e ele vai assumir.

Que idade tem os filhos?

Um já é casado e o outro está namorando.

Assim, a igreja pode desempenhar o seu papel e aceitar situações que são consideradas, por vezes, irregulares. Tem outros padres que também tem esse tipo de prática?

Tem um padre em Itaquera também, são raros os padres. Chama-se Padre João. Nós trabalhamos com 600 famílias que têm filhos deficientes e agora dia 30 de novembro, numa área aqui perto, nós vamos construir uma sexta casa, que é uma hidroterapia, e as reuniões com os deficientes, 99% é com as mulheres, as mães. O marido quando viu a criança deficiente, foi embora.

Como o senhor percebe, quais são as raízes da partida desses homens, que fatores?

São muitos fatores, mas há uma cultura autoritária e violenta machista no Brasil muito forte. As religiões contribuem para essa política, essa cultura de que a mulher tem que segurar tudo sozinha. É muito forte...

Em que o Senhor acha que a igreja contribui? Na medida em que responsabilizam as mulheres.

Eu não vou nem dizer que elas responsabilizam as mulheres, mas é uma população que se diz cristã. E as mulheres sofrem tudo isso, não tem uma reação das religiões.

Mesmo em todos os movimentos de ações católicas, os trabalhadores sociais, não tem um movimento contrário a esse abandono dos homens...

Claro, claro, mas eu falo enquanto religiões institucionalizadas é uma omissão diante dessa realidade. Um exemplo concreto em relação ao homossexualismo [sic], por exemplo. Há um discurso também religioso contra essas pessoas, então a gente assiste... aqui mesmo outro dia, um gay foi assassinado aqui. São muitas pessoas gays que são assassinadas, mas no fundo há uma ideologia religiosa que essas pessoas estão no pecado, estão contra a lei de Deus. Que no fundo é um discurso pró-preconceituoso e violento com as pessoas. Se as religiões todas dissessem, "olha, em respeito à pessoa, independente do que ela é", mudaria a relação, não teria tantos assassinatos de mulheres e de gays e assim por diante. E agora, por exemplo, isso está acontecendo aqui, mais ou menos 70, 80 policiais foram assassinados. E duzentas e tantas pessoas também já foram assassinadas e há um silêncio religioso. E no fundo é um silêncio pró, e muitos aceitam isso daí, que tem que matar os pobres, que tem que matar os negros. E uma grande parte das religiões são favoráveis, se declaram abertamente.

É paradoxal o papel da igreja. Esse papel sempre foi o de proteger os mais frágeis, de proteger a mulher, de proteger as crianças, a família, a mulher grávida. E o que o senhor está dizendo é que na realidade tem essa aceitação da cultura machista.

Internamente na Igreja Católica, é uma violência a mulher não ser sacerdotisa. É uma agressão à condição humana feminina. E são as mulheres hoje que mais

PEROSA, G. S.; DANTAS, A. S. R.

abandonam a Igreja Católica. Mulheres e jovens. Tanto aqui como nos EUA e na Europa. Aqui tem uma igreja pentecostal nesta rua e é uma mulher que está à frente. Vizinha da minha casa, abriu uma igreja desse tamanho... bem pequena e lá na frente tem uma mulher animando. No movimento pentecostal, tem grupos religiosos que aceitam a mulher como pastora, presbítera, diaconisa e tal. Agora, tem grupos que são só o homem. Na Igreja Católica, é só homem que pode ter o poder.

E quem é que acolhe as pessoas que têm necessidades? Quando chega uma família aqui precisando de acolhimento, como é esse acolhimento aqui na sua igreja?

Olha, aqui tem vários grupos que fazem acolhimento. Tem um grupo chamado "Os Vicentinos", depois tem essas comunidades, uma igreja, esse acolhimento é feito por todas as religiões aqui no bairro.

Mas, sobretudo, pelas mulheres ou por homens também?

Maioria de mulheres. Eles estão nomeando um bispo que tem uns 20 anos. Bispo! Não tem uma capacitação para entender uma cidade. Pessoalmente uma excelente pessoa, mas numa região dessas... não consegue nem dialogar com os padres. Eu lamento, porque uma igreja com Dom A., o outro bispo, fez muito. Com ele, já vai pra 5, 6 anos e tudo parado... O papa, o alemão, ele tem uma prática mais ou menos assim, o que importa é uma minoria esclarecida. Mas não tem essa minoria e nem esclarecida.

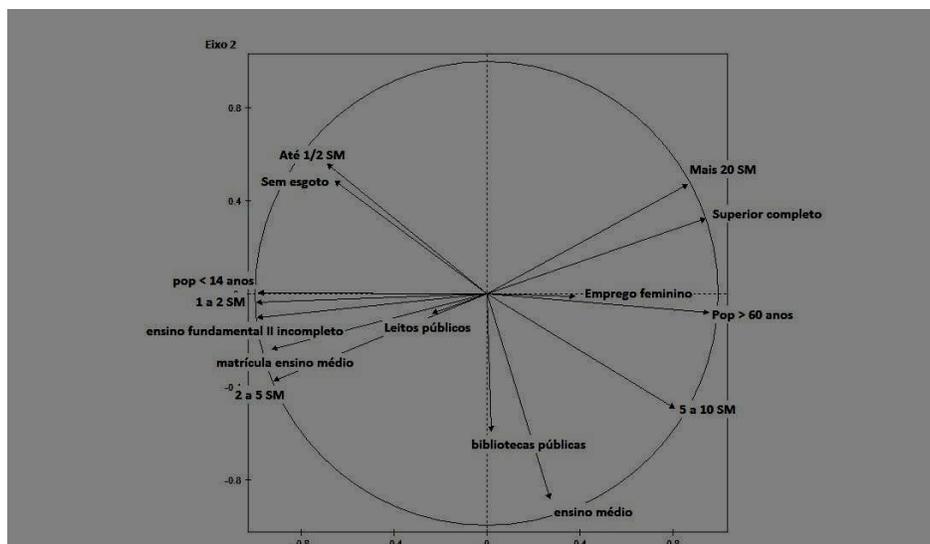
NOTAS SOBRE UMA PESQUISA QUANTI-QUALI

À época da entrevista, antes de iniciar a pesquisa de campo, nós estávamos estudando o mapa da vulnerabilidade social do município, procurando situar o distrito no espaço social da cidade. O mapa da vulnerabilidade social definia cinco grupos de vulnerabilidade. E, nos cinco grupos, tínhamos um quarto de mulheres chefes de família. Esse estudo prévio pretendia preparar nossa entrada na pesquisa de campo. A entrevista com Pe. Gabriel foi pensada justamente para buscar entender seu ponto de vista sobre as famílias do bairro e sobre como elas constroem seus próprios recursos para fazer face às dificuldades de educação das crianças. Mal sabíamos que, entre 2014 e 2016, com o desenvolvimento de nosso inquérito estatístico, notaríamos uma correlação estatística, de certa forma, anunciada por Pe. Gabriel, nesta entrevista.

Em um artigo publicado em 2016, nós realizamos um estudo estatístico no qual relacionamos uma série de indicadores de saúde (taxas de mortalidade por causas externas, de mortalidade infantil, de violência contra de mulheres e contra crianças, etc.) ao espaço das desigualdades sociais de uma grande metrópole; adicionamos, ainda, indicadores de educação (taxas de analfabetismo, de disfunção série-idade, de abandono do ensino médio) e informações que nos remeteram às relações de gênero, como as taxas de mulheres chefes de família e de emprego formal feminino.

Os Gráficos 1 e 2, em sequência, foram realizados por meio de uma Análise de Componentes Principais (ACP) e devem ser lidos em sobreposição.

Gráfico 1 – O espaço das desigualdades municipais



Fonte: Perosa *et. al.* (2016).

O Gráfico 1 incluía dados sociodemográficos da totalidade da população do município (renda, educação e infraestrutura pública), extraídas do Censo Populacional (IBGE/2012). Elas foram definidas como variáveis ativas, ou seja, a variância estatística entre elas definiu o espaço social que se diferencia em um primeiro eixo (horizontal) pelo volume do capital e em uma segunda dimensão (eixo vertical) pela composição do capital.

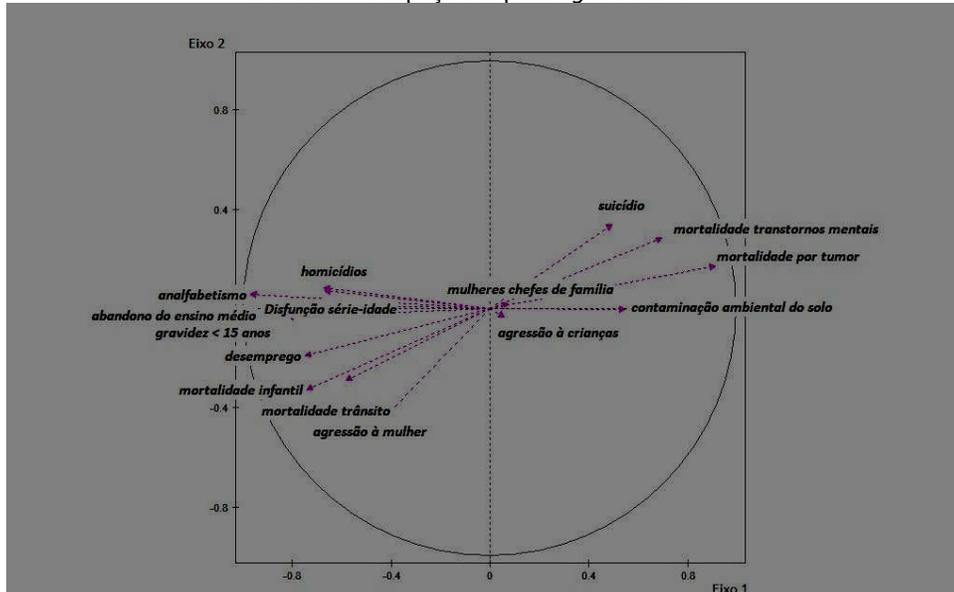
Os quatro quadrantes do Gráfico 1 representam: 1) a correlação entre diploma de ensino superior e domicílios de mais de vinte salários mínimos (quadrante superior direito); 2) a associação entre os domicílios de 5 a 10 salários mínimos e o diploma de ensino médio como última formação escolar; 3) um quadrante no qual predominam os domicílios de 2 a 5 salários mínimos onde temos parte da população com o diploma de ensino médio e outra parte com uma escolaridade ainda menor; e por último, uma região da cidade (quadrante superior esquerdo) no qual encontramos a correlação entre domicílios de renda inferior a meio salário mínimo (em 2010) e a ausência de infraestrutura pública, materializada na taxa de domicílios sem saneamento básico.

O interesse do estudo não é tanto os extremos da riqueza e da pobreza, e sim as regiões que ocupam uma posição intermediária, com maior incidência de domicílios de 2 a 5 salários mínimos, como aquela na qual estava situada a paróquia na qual atuava Padre Gabriel.

Pois bem, ao espaço social da cidade, nós projetamos um conjunto de indicadores de patologias sociais, inspirados na noção de anomia de Durkheim. Elas resultam de dinâmicas estruturais da sociedade e não podem ser reduzidas aos indivíduos. Tais patologias sociais foram apreendidas pelas taxas de suicídio, homicídio,

de gravidez antes dos 15 anos, de abandono do ensino médio, de chefia familiar feminina, de agressão a mulheres e a crianças etc., como podemos ver no Gráfico 2.

Gráfico 2 – O espaço das patologias sociais



Fonte: Perosa *et. al.*, 2016.

Ao contrário do que poderia nos levar a pensar o senso comum, a taxa de chefia familiar feminina não está correlacionada ao Eixo 1, que opõe a grande pobreza à grande riqueza. É um fenômeno que atravessa toda a estrutura social e encontra-se presente em todas as regiões da cidade, com pequenas variações⁹. O mesmo acontece com a taxa de agressão a crianças, expressa como a informação anterior, por uma flecha curta situada próximo ao ponto zero do gráfico, no cruzamento do eixo 1 com o eixo 2.

Notamos, contudo, uma associação entre a taxa de violência contra mulheres e periferias intermediárias (renda de 2 a 5 SM e diploma de ensino médio) da cidade, localizadas no quadrante inferior esquerdo e não, como poderia se pensar, nas periferias mais precárias, onde predominam os domicílios de menor renda e sem saneamento básico, situadas no quadrante superior esquerdo do Gráfico 1. À luz destes dados, a entrevista com Padre Gabriel revelou-se extremamente precisa, fruto de décadas de trabalho do padre junto às mulheres que o procuravam, tanto para ter acesso aos sacramentos da Igreja Católica (batismo, casamento etc.) como eram as primeiras a aderir aos movimentos sociais liderados por ele.

Nossa principal hipótese para explicar a correlação entre a taxa de violência contra as mulheres e a população com ensino médio propõe que parte desta população é composta por mulheres, filhas de trabalhadores manuais, que conquistaram o diploma de ensino médio. Essa pesquisa de campo, na região da paróquia do Padre Gabriel, nos levou a entrevistas semidirigidas com mulheres dos grupos populares que conseguiram

se inserir em posições intermediárias com o diploma de ensino médio. Elas trabalhavam como secretárias, recepcionistas, funcionárias públicas, assalariadas do comércio etc. Pretas, pardas ou brancas, de acordo com nossas entrevistas de campo, elas fizeram escola pública a vida toda, são filhas de pais operários e casaram-se com homens operários, de menor escolaridade quando comparados a elas.

Em muitos casos, conquistaram um diploma de ensino superior tardiamente, já casadas e com filhos; percorreram um circuito de ascensão e de estabilização social, diretamente ligado ao aumento da escolaridade feminina. Esse fator sociodemográfico mais amplo, nessa região da cidade, gerou uma dissimetria de nível educacional entre homens e mulheres, o que pode ser um dos fatores propriamente sociais que podem, potencialmente, provocar situações de ciúmes, de sentimentos de inferioridade, e por sua vez, alimentar episódios de violência entre os casais. Uma explicação que apenas pesquisas mais extensas e baseada em entrevistas com um número maior de mulheres poderia confirmar ou refutar.

A taxa de mulheres hospitalizadas por agressão, tomada aqui como um indicador de violência contra a mulher, diz respeito a situações extremas. São mulheres hospitalizadas por agressões físicas, uma definição proposta pelo DATASUS, a partir de dados administrativos do sistema de saúde. Se eles possuem muitas limitações, a taxa de hospitalização por agressão contorna, em parte, o problema da subnotificação, bem descrito na literatura relativa à violência contra as mulheres. Não foram poucas as entrevistas da *Miséria do Mundo* que retratam a miséria de posição das mulheres em diferentes grupos sociais (FAGUER, 1993; SAYAD, 1993, etc.).

A elucidação da “miséria de posição”, quer dizer, da dominação simbólica a que as mulheres estão expostas contribuiu mais tarde para que Bourdieu escrevesse o seu livro mais controverso, *A dominação masculina*, publicado originalmente em 1998. A distinção entre a *miséria de condição* e a *miséria de posição* é útil para compreender para além dos sofrimentos mais visíveis da miséria de condição. Para compreender a grande violência, sugere Bourdieu, é preciso reconhecer as violências mais sutis, menos evidentes. Sem considerá-las, não é possível explicar a grande violência que os cientistas sociais são chamados a explicar quando acontecem as tragédias.

A entrevista com este padre singular, a posterior análise estatística e uma série de entrevistas com mulheres subsequentes nos levaram, de certa forma, a compreender a miséria de posição delas: dominantes pela escolaridade no interior dos casais, muitas em um segundo casamento ou solas, elas estariam particularmente expostas ao risco da violência doméstica captada pela taxa de hospitalização de mulheres por agressão do DATASUS¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto político da década de 1980, quando o Brasil buscava aprofundar sua experiência democrática, com suas disposições políticas e sua trajetória no interior da Igreja Católica, Pe. Gabriel se tornou o aliado daqueles e, sobretudo, daquelas que experimentaram a “miséria de condição”. Seu salão paroquial permaneceu aberto aos movimentos sociais até sua repentina morte durante a pandemia de COVID-19. Com seu

PEROSA, G. S.; DANTAS, A. S. R.

ativismo político, Padre Gabriel definia como lema dessas reuniões: “Da creche à faculdade”, o que resultou nas negociações para a implementação de mais vagas da educação infantil à educação superior pública. Comandada por ele, sua paróquia reunia desde políticos notáveis até os moradores das comunidades mais vulneráveis.

Nosso inquérito estatístico, de fato, revelou que sua região possuía maior infraestrutura pública (matrículas de ensino médio, mais leitos públicos, mais bibliotecas, mais saneamento básico etc.) quando comparada às periferias mais precárias da cidade, definidas neste estudo pela forte correlação encontrada entre domicílios com menos de meio salário mínimo e a maior incidência de residências sem saneamento básico. No lugar de reduzir a retaliação da Igreja Católica ao ressentimento da injustiça e entregar-se ao miserabilismo completo, Padre Gabriel, articulou todos os seus capitais (religioso, social e simbólico) e fez um país, como se diz na linguagem ordinária. Junto a outros párocos engajados como ele, contribuiu para o incremento da infraestrutura pública (creches, escolas, universidade, saneamento básico, leitos públicos etc) nesta região da cidade.

Artigo recebido em: 30/04/2023
Aprovado para publicação em: 28/06/2023

MISERY OF CONDITION AND MISERY OF POSITION

ABSTRACT: The article discusses some of the lessons left by the book *The Weight of the world* (BOURDIEU, 1999) in the light of the findings of a research interview conducted with a Catholic priest, in which he discusses the participation of women in the social movements he led: for housing, education, health in the peripheries of a large Brazilian metropolis. The research team combined semi-structured interviews with the analysis of statistical series. The priest's testimony is presented almost in full in this article. Next, we show the partial results of a Principal Component Analysis, based on public statistics (POPULATION CENSUS, IBGE, 2012). The interview and the statistical analysis allow us to work on two different levels the notions of “misery of condition” and “misery of position”, proposed in *The Misery of the World*.

KEYWORDS: Class and Gender Inequalities; Peripheries; Interviews; The Misery of the World; Pierre Bourdieu.

MISERIA DE CONDICIÓN Y MISERIA DE POSICIÓN

RESUMEN: El artículo discute algunas de las lecciones dejadas por el libro *La miseria del mundo* (BOURDIEU, 1993) a la luz de los resultados de una entrevista de investigación realizada a un sacerdote católico, en la que habla de la participación de las mujeres en los movimientos sociales que lideró: por la vivienda, la educación, la salud en las periferias de una gran metrópolis brasileña. El equipo de investigación combinó entrevistas semiestructuradas con el análisis de series estadísticas. El testimonio del sacerdote se presenta casi íntegro en este artículo. A continuación, se exponen los resultados parciales de un Análisis de Componentes Principales, basado en

Inter-Ação, Goiânia, ISSN eletrônico: 1981-8416, v.48, n.2, p. 307-325, maio/ago. 2023. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v48i2.76585>>.

estadísticas públicas (CENSO DE POBLACIÓN, IBGE, 2012). La entrevista y el análisis estadístico nos permiten trabajar en dos niveles diferentes las nociones de “misericórdia de condição” y “misericórdia de posición” propuestas en *La Misericórdia del Mundo*.

PALABRAS CLAVE: Desigualdades de Clase y Género; Periferias; Entrevistas; Misericórdia del Mundo; Pedro Bourdieu.

NOTAS

1 – Somos gratas à sugestão de Jean-Pierre Faguer pela sugestão de entrevistar o padre visando a obter o seu ponto de vista sobre as famílias do bairro. A redação final deste artigo se deve muito à interlocução com a Professora Leticia Bicalho Canêdo. Devemos à Frédéric Lebaron o estímulo e a orientação para a realização do estudo estatístico sobre as patologias sociais na cidade.

2 - Em “O espaço dos pontos de vistas”, prólogo escrito para a *Misericórdia do Mundo (La Misère du Monde, 1993)*.

3 - Este estudo foi realizado como parte de uma pesquisa mais ampla sobre as estratégias educacionais nos grupos populares (PEROSA *et al.*, 2015; PEROSA, DANTAS, 2017; PEROSA, LEBARON, LEITE, 2015). O estudo incluiu observações e entrevistas semidirigidas com diretores, professores, e sobretudo, mães e alunos de escolas privadas em famílias dos grupos populares.

4 - Uma rápida pesquisa no *Google* registra 887 vídeos de entrevistas com ele, parte delas disponíveis na plataforma do *YouTube*.

5 - A entrevista foi realizada por 4 pessoas no quadro de uma pesquisa mais ampla sobre educação e diferenciação social nos grupos populares. Jean Pierre Faguer, do Centro de Sociologia Europeia (EHESS), autor de *Esposa e Colaboradora* (FAGUER, 1998), à época estava no Brasil e participou de maneira decisiva desta pesquisa. Helena Marcon, graduanda de Gestão de Políticas Públicas à época, e Adriana Dantas como aluna do Mestrado em Estudos Culturais, ambas sob a orientação de Graziela Perosa.

6 - As perguntas foram originalmente feitas em francês e, em seguidas, traduzidas para o português. Por sua vez, as respostas em português do padre foram traduzidas para o francês para garantir a comunicação com Jean-Pierre Faguer (EHESS). Somos gratas à Kimi Tomizaki (FE/USP) que viabilizou a vinda de Jean-Pierre Faguer como professor visitante pela FAPESP, compartilhando conosco sua estadia. Contamos ainda com o apoio do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais (EACH/USP).

7 - O líder de um dos maiores partidos de oposição à ditadura militar à época, Franco Montoro (PMDB) foi eleito governador em 1982 (1983 a 1987). Em 1983, o então deputado federal Mário Covas foi indicado como prefeito biônico de São Paulo, ocupando o posto até o início de 1986.

8 - Os tratamentos de saúde alternativos a que nos referimos dizem respeito a utilização de derivados da *cannabis* e de ozônio para a cura de males da alma e do corpo. À época, Padre Gabriel abriu o salão paroquial para a realização de grupos de estudos e cursos sobre estes recursos, ainda muito pouco utilizados no sistema de saúde regular.

9 - Em parte, porque esta taxa inclui as mulheres chefes de família que não se casaram, as que se separaram, as viúvas e aquelas poucas em que na presença de um homem, a mulher se declara chefe da família.

10 - Já sabemos que a violência contra mulheres ocorre predominantemente no interior doméstico e, na maior parte dos casos, por seus companheiros. Pouco se sabe, contudo, sobre o nível educacional das vítimas e menos ainda, dos agressores. Ver, por exemplo, Ilha, M. M., Leal, S.

PEROSA, G. S.; DANTAS, A. S. R.

M. C., & Soares, J. dos S. F. (2010). Mulheres internadas por agressão em um hospital de pronto socorro: (in)visibilidade da violência. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, 31(2), 328–334. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000200018>.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cleide Lugarini. **As lutas sociais por moradia de São Paulo**: a experiência de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo. 1989. 230 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A dissolução do religioso**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **La misère du monde**. Paris: Seuil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CABANES, Robert; GEORGES, Isabel; RIZEK, Cibele Saliba; TELLES, Vera da Silva (org.). **Safadas de emergência**: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo. São Paulo: Boitempo, 2011.

CHAMPAGNE, Patrick. La Misère du Monde. *In*: SAPIRO, Gisèle (Org.). **Dictionnaire international Bourdieu**. Paris: CNRS, 2020.

DANTAS, Adriana Santiago Rosa. A USP da periferia: A participação política contribuindo para desconstruir as lógicas espaciais. **Geofronter**, Campo Grande, MS, v. 2, n. 5, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/3621>. Acesso em: 21 Ago 2023.

FAGUER, Jean-Pierre. Épouse et collaboratrice. *In*: BOURDIEU, Pierre. **La misère du monde**. Paris: Seuil, 1993.

FAGUER, Jean-Pierre. Esposa e colaboradora. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Vozes, 1998.

FERREIRA, Daniela Maria. **Filósofos à brasileira**: catolicismo e autonomia dos debates intelectuais. 1 ed. v. 1. Campinas, SP: Arte Escrita, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IFFLY, Catherine. **Transformar a metrópole**: Igreja Católica, territórios e mobilizações sociais em São Paulo, 1970–2000; tradução de Maria Clara Cescato, Henri Decoster, Sebastião Nascimento, com a colaboração de Catherine Iffly. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Inter-Ação, Goiânia, ISSN eletrônico: 1981-8416, v.48, n.2, p. 307-325, maio/ago. 2023. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v48i2.76585>>.

ILHA, Michele Mazza; LEAL, Sandra Maria Cezar; SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli. Mulheres internadas por agressão em um hospital de pronto socorro: (in)visibilidade da violência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, RS, v. 31, n. 2, p. 328-334. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgefn/a/rfTDcWZmtM8kVBJvQ4vH7cz/?lang=pt#>. Acesso em: 21 Ago 2023.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARQUES, E. Estrutura Social e Segregação em São Paulo: Transformações na Década de 2000. **Dados**, v. 57, n. 3, p. 675-710, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/88j99YwHTzk5XgHZnwKBgGz/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 21 Ago 2023.

PEROSA, Graziela Serroni; DANTAS, Adriana Santiago Rosa. A escolha da escola privada em famílias dos grupos populares. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 43, n. 4, p. 987-1004, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/NL8BcBncVfnFCZpjcvdYHs/?lang=pt>. Acesso em : 21 Ago 2023.

PEROSA, Graziela Serroni; DANTAS, Adriana Santiago Rosa MARCON, Helena de Souza; CRUZ, Isamara Lopes Rocha. Transformations of the Working Classes and of the Schooling Supply in São Paulo. **Brasil(S) – Sciences Humaines et Sociales**, Paris, n. 8, p. 97-121, 2015. Disponível em : <https://journals.openedition.org/bresils/1612#text>. Acesso em : 21 Ago 2023.

PEROSA, Graziela Serroni; LEBARON, Frédéric; LEITE, Cristiane Kerches da Silva. O espaço das desigualdades educativas no município de São Paulo. **Pro-posições**, Campinas, SP, v. 26, n. 2, p. 99-118, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/th4YMSxnhqH9ZPYZgJMNLfB/?lang=pt#>. Acesso em : 21 Ago 2023.

PEROSA, Graziela Serroni; LEITE, Cristiane Kerches da Silva; FONSECA, Francisco César Pinto da; LEBARON, Frédéric. Patologias sociais na metrópole de São Paulo: análise socioespacial de indicadores nas subprefeituras. **Revista de Administração Pública**, v. 50, n.4, p. 635-658, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7612151585>. Acesso em: 23 ago 2023.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAYAD, A. A emancipação. *In*: Bourdieu, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 673-682.

PEROSA, G. S.; DANTAS, A. S. R.

SPOSITO, Marília Pontes. **A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

GRAZIELA SERRONI PEROSA: Professora Associada da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), coordenadora do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais e pesquisadora do Observatório Interdisciplinar de Políticas Públicas (OIPP/EACH/USP). Possui doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo e Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9575-0602>

E-mail: grazielaperosa@yahoo.com.br

ADRIANA SANTIAGO ROSA DANTAS: Professora colaboradora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutora em Educação na área de Sociologia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Fez estágio doutoral na Université Paris 1 Panthéon Sorbonne (outono/inverno 2017-2018). Mestra em Filosofia na área de Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) na USP. Bacharela em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Licenciada em Letras/Português pela Universidade Cruzeiro do Sul. Fez estágio pós-doutoral na Faculdade de Educação na Unicamp, se dedicando a investigar a implantação das comissões de heteroidentificação para ingresso no ensino superior público por cotas raciais, tanto a institucionalização quanto o processo de racialização subjacente à atuação dessas comissões.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1066-7063>

E-mail: novadrica@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).